

ELEMENTOS  
DO  
COMMERCIO.



ELEMENTOS  
DO  
COMMERCIO,  
TRADUZIDOS LIVREMENTE  
*do Francez para o Portuguez*  
PELO MESMO TRADUCTOR  
*do Telemaco, e das Oraçoes  
Funebres.*

---

*Nalla magis praesens fortuna laborum.*

---

PARTE I.



LISBOA,  
Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo.

---

MDCCLXVI.

*Com as licenças necessarias.*





Ao ILL.<sup>MO</sup> e EX.<sup>MO</sup>  
SENHOR  
SEBASTIAÕ JOZE'  
DE CARVALHO, E MELLO

Conde, e Senhor de Oueiras, Ministro,  
e Secretario de Estado de sua  
Magestade Fidelissima.  
&c. &c. &c.



FFEREC, O a V. EX-  
CELLENCIA, vertidos no idioma  
Portuguez, os Elementos do Com-  
mercio, que compoz Carlos Secon-  
da



da de Montefquieu, *Varaõ* que em tanto que no mundo existir a veneraçã dos Sabios, durará para sempre impresso na lembrança dos homens o seu nome pela grandeza das suas obras. Esta que agora traduzida ponho nas maõs de V. EXCELLENCIA, logo desde que intentei a sua versãõ, reflecti que faltaria a todas as razõens de justiça, se faltasse em a dedicar a V. EXCELLENCIA.

Deve de justiça dedicar-se a V. EXCELLENCIA, hum tratado, que estabelece principios ao Commercio, e augmentos á felicidade publica; pois o Commercio nestes Reinos deve a V. EXCELLENCIA a protecçãõ, e a felicidade publica sempre lhe deverá agradecimentos.

E na verdade, Senhor, não he V. EXCELLENCIA aquelle incomparavel Heroé, que sabiamente illustra as maximas mercantís deste escritor preclaro, e que as sabe  
fazer

fazer praticar, e proporcionar igualmente que elle as soube escrever? Não he ao zello incansavel de V. EXCELLENCIA, que esta Monarchia venturoza deve os augmentos que consegue, e os progressos com que se vai distinguindo entre as naçoens? Que vantagens não estão respirando as Fabricas, a Agricultura, e o Commercio? Que abundantes felicidades não estão prometendo a nossos compatriotas, as altas idéas que para bem universal do Reino, continuamente occupão a illuminada comprehençãõ de V. EXCELLENCIA.

Por maõs de V. EXCELLENCIA, he que o n. sso AUGUSTISSIMO MONARCHA dirige aquellas sabias determinaçoens, que são a fonte de toda a ventura que logramos. Huma lei que erige Fabricas; outra que anima os artistas com privilegios. Huma que protege companhias mercantís; outra que



que estabelece juntas que derijão regularmente o Commercio, e o bem commun dos vassallos. Huma que funda aulas para a mocidade o aprender; outra que edifica collegios para a nobreza se instruir. Huma que prescreve formas á navegação; outra que arranca os abuzos da Agricultura. Aquella que seguindo os dictames puros da razão, poem n'humã ordem seria as ultimas disposições da vida; esta que attendendo á maior oppolencia do Estado, faz aparecer de novo no Commercio hum bem concideravel fundo de riqueza capaz de girar nelbe como moeda: que mais indicaõ? que mais respiraõ? senão superiores providencias, que propostas por V. EXCELLENCIA, ao nosso AUGUSTO SOBERANO, este se dignou recebellas, e extendellas sobre estes Reinos que eternamente serãó gratos, assim á real piedade, do mesmo Senhor, como á  
memo-

memoria de V. EXCELLENCIA.

Sendo pois, V. EXCELLENCIA o Illustissimo Protector das artes, e das sciencias; sendo aquelle que promove os principios de todo o bem de Reino; não procederia eu injustissimo se deixasse de consagrar a V. EXCELLENCIA os escritos de hum humerao tambem muito amante das fortunas da sua Patria? Não aitaria eu com menos acerto, se pri-  
vasse a V. EXCELLENCIA d'humã occasiaõ tão opportuna, em que pode-se resplandecer a sua virtude, mostrando-se para comigo tão benefici-  
to, quanto até agora se tem mostrão para com todos os seus naturaes.

Em fim, Senhor, dignese V. EXCELLENCIA por tão justificadur motivos, aceitar na sua protecção huns escritos, que sendo no seu Original tão estimados na Franca, hoje protegendo-os V. EXCELLENCIA, traduzidos em Portugal, receberãó novo lustre, e ficaraõ no  
mun-



mundo muito mais acreditados. Espera que V. EXCELLENCIA desculpe os defeitos que encontrar na traducção, para que esta sua indulgencia sirva de defença contra os que me arguirem o estilo paraphrastico que segui; pareceme que obterei este indulto, quando não tem outro fim o meu trabalho, mais que occupar honestamente o tempo, nem outro algum motivo, que o conduzir-me para a fortuna dos meos Patricios, regulado pelas dispoziçoens ajustadissimas, com que V. EXCELLENCIA lhe prepara cada dia novas felicidades; e para mim, Senhor, não será pequena gloria o seguir as puras intençoens de V. EXCELLENCIA, a quem reverente beijo as maons.

Jozé Manoel Ribeiro Pereira.

L I C E N Ç A S.

Do Santo Officio.

Vista a informação, pode-se imprimir o Livro de que se trata, e despois voltado para se dar licença que corra, sem ella não correrá. Lisboa 8. de Abril de 1766.

Carvalho. Mello. Thorel. Lima.

Do Ordinario.

Vista a informação pode-se imprimir o papel de que se trata, e despois de impresso, e conferido torne. Lisboa o 1. de Maio de 1766.

D. J. A. de L.

Do Paço.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e despois de impresso tornará a Meza conferido para se taxar, e dar licença, que corra sem a qual não correrá. Lisboa 26. de Junho de 1766.

D. Veiga. Affonseca. Pacheco. Castro. Graesbuk.



**P**O'de correr. Lisboa 5 de Setembro de 1766.

*Carvalho. Mello. Lima.*

**P**O'de correr. Lisboa 9 de Setembro de 1766.

*Costa.*

**Q**ue possa correr, e taxaõ em duzentos e quarenta reis. Lisboa 13 de Setembro de 1766.

*Carvalho. Siqueira. Affonseca.*

\*\*\*\*\*  
**I N D E X**

Das erratas.

*Pag. Erras*

*Emendas*

27	lira	fe
27	elles	os Holandezes
27	occupará	occupar
27	importantes	importadas
27	Capitães	Capitães
27	pode	poder
27	perfeitos	Perfeitos
27	tres	das
27	pannos	danmos
27	carneiros	carneiros
27	negra	chegará
27	superior	superior
27	não movem-se	moverem se
27	que pode	que não pode



INDEX

INDEX  
DOS CAPITULOS.

PARTE I.

- C**APITULO I. Do Commercio geral, pag. 1.  
CAP. II. Da Concorrença, 71.  
CAP. III. Da Agricultura, 77.  
CAP. IV. Das Manufacturas, ou do trabalho indústrioso, 145.

1820





I N D E X  
DOS CAPITULOS.

PARTE II.

- C**APITULO V. Da Na-  
vegação, pag. 5.  
CAP. VI. Das Colonias, 32.  
CAP. VII. Das seguranças do ris-  
co, 58.  
CAP. VIII. Dos Cambios, 69.  
CAP. IX. Da Circullação do di-  
nheiro, 90.  
CAP. X. Do Credito, 154.  
CAP. XI. Do Luxo, 180.  
CAP. XII. Da Balança do Com-  
mercio, 193.



Plano o que mais

Praga 20 de  
No  
Novembro

1823

22



ELEMENTOS  
DO  
COMMERCIO.

CATITULO I.

*Do Commercio em geral.*



ELA palavra *Commercio* se entende geralmente *humna communicacão reciproca*; e mais particularmente se applica á communitate, que os homens fazem entre si, das producções das suas terras, e da sua industria.

Part. I.

A

A



## 2 ELEMENTOS

A Providencia infinita , quando creou a natureza , quiz pela sua variedade constituir os homens na mutua dependencia huns de outros. Formou os vinculos o Ente supremo , a fim de que os povos conservassem entre si a paz , e a fim de unir o tributo dos seus louvores , manifestandolhes o seu amor , e a sua grandeza pelo conhecimento das maravilhas , de que elle enriqueceu o Universo.

Esta reciproca dependencia dos homens pela variedade dos generos , que se podem fornecer , se estende ás necessidades reaes , e ás necessidades de opiniaõ.

Os generos de hum paiz em geral saõ as producçoens naturaes das suas terras , dos seus rios , ou dos seus mares , e os da sua industria. As producçoens da terra taes como nós as recebemos das maõs da natureza , pertencem á Agricultura. As producçoens da industria , ainda que innumeraveis , podem-se com tudo dividir em duas classes.

Quando a industria se applica a aperfeçoar as producçoens da terra ,

## DO COMMERCIO. 3

ou a mudar-lhe a primeira fórma , chama-se *manufactura* ; e as materias , que servem ás manufacturas , chamaõ-se *materias primeiras*.

Quando a industria cria , ou produz por si só , sem outra materia mais , que o estudo da natureza , estaõ pertence ás *Artes liberaes*.

As producçoens dos rios , ou dos mares pertencem á *pesca*.

O sustento , e o vestido saõ as primeiras necessidades reaes. A idéa da commodidade não he nos homens mais , que huma legitima consequencia deste primeiro sentimento ; assim como tambem o luxo he consequencia da comparaçõ das commodidades superfluas , de que gozaõ alguns particulares.

O Commercio deve a sua origem a estas tres diferentes necessitates , que os homens a si mesmos se tem imposto. A industria he o fructo , e a base ao mesmo tempo : qualquer coiza , que pode ser communiçada a hum homem por outro para sua utilidade , ou seu commo-

A ii do,



#### 4 ELEMENTOS.

do, he a materia do Commercio, que consiste n'hum troca. O seu objecto geral he o estabelecer a abundancia das materias necessarias, ou commodas: finalmen o seu effeito he o dar meios áquelles, que nelle se occupão, de fornecerem as suas precizoens.

A communicaçãõ geral entre os homens, dispersos sobre a terra, suppoem a arte de atravessar os mares que os separaõ; a isto se chama *navegaçãõ*. Este ramo faz hum novo genero de industria entre os homens. Toda a navegaçãõ tras consigo diversas qualidades de riscos: cuida-raõ os particulares em avaliillos, e de tomarem sobre si o risco, moedando hum certa quantia; o que fórma hum novo ramo de Commercio chamado *Segurança*, ou *Seguro*.

Concordaraõ os homens entre si de que o ouro, e a prata fossem os signaes das mercadorias; e despois inventando hum representaçãõ dos mesmos metaes, vieraõ estes metaes a serem tambem mercadoria. O Commercio, que delles se faz, se chama

#### DO COMMERCIO. 5

o Commercio de dinheiro, ou de *Commo*.

Os povos intelligentes, naõ ten-ão acido nas suas terras com que suprir as tres especies de precizoens, occupando terras nos climas proprios em genero, que lhe faltavaõ; pa-ra em parte enviaõ hum parte dos seus produtos para as cultivar, impondo-lhes sempre a lei de gastar as produções do paiz do dominio: a estes estabelecimentos he que se deu o nome de *Colonias*.

Desta fórma a Agricultura, as Manufacturas, as artes liberaes, a *Beira*, a Navegaçãõ, as Colonias, os Seguros, e o Cambio fórmaõ seis ramos de Commercio: o produto de cada hum naõ he igual; por-rem os seus fructos todos saõ precio-zaes.

Quando o Commercio he consi-derado a respeito de hum corpo po-litico, a sua operaçãõ consiste na circulação interior dos generos do paiz, ou das Colonias, a exportaçãõ do seu superfluo, e aimportaçãõ dos *generos* estrangeiros, assim para os gastar,



6 ELEMENTOS  
gastar, como para os reexportar.

Quando o Commercio he considerado como a occupação de hum cidadão n'hum corpo politico, a sua operação consiste na compra, na venda, ou na troca das mercadorias, de que os outros homens necessitam, com o deznio de algum lucro.

Examinaremos pois o Commercio debaixo destes dois pontos de vista particulares. Porém antes disto bom será o conhecer como se estabeleceu no mundo, e as differentes revoluções que elle tem experimentado.

Depois da idéa geral que acabamos de dar, he certo que elle existe desde que a terra tem habitantes; a sua primeira época foi a devizaõ das differentes occupaçoens entre os mesmos habitantes.

Cain cultivava a terra, Abel guardava os rebanhos, depois Tubaleain deu fórmas ao ferro, e bronze: e estas diversas artes indicão a necessidade das trocas, e por consequencia a do Commercio.

Nos primeiros tempos fizeram-se estas

DO COMMERCIO. 7

estas trocas em natureza, isto he, com tal quantidade de hum genero para obter a huma certa porção de outro genero. Todos os homens eraõ iguaes; e cada hum pelo seu trabalho se procurava o equivalente dos socorros que esperava de outrem: assim naquelles annos de innocencia, cada hum, menos se cuidava em avaliar a materia das trocas, do que em equalarem-se reciprocamente.

Antes, e depois do diluvio, as trocas se multiplicavaõ com a povoação; entãõ a abundancia, ou a raridade de certas producçoens, assim da arte, como da natureza, augmenta, ou diminui o equivalente; por cuja razão veio a difficultar-se mais a troca em natureza.

Ainda mais creceu a difficuldade pelo Commercio; isto he, quando a firmazaõ das sociedades distinguio os domínios, ou propriedades, e trouxe modificaçoens á igualdade absoluta que reinava entre os homens. A subdivizaõ desigual das propriedades pela divizaõ dos filhos, as differenças no terreno, nas forças, e na



8 ELEMENTOS.

na industria, occasionaraõ hum superfluo de necessidades entre huns povos mais, do que entre outros: este superfluo era pago pelo trabalho dos que necessitavaõ, ou por novas commodidades inventadas pela arte. O seu uzo teve com tudo limites em tanto, que os homens se contentavaõ com o que era simples.

Sujeitos á injustiça necessitavaõ de legisladores: a confiança estabeleceu Juizes; o respeito os distinguio; e de pressa o temor os separou dos seus similhantes. O apparatus, e a pompa foraõ hum dos distinctivos destes homens poderozos: as coizas raras se destinaraõ para o seu uzo; e o luxo veio entaõ a conhecer-se, e veio juntamente a ser o objecto da ambiçaõ dos inferiores; porque cada qual estima o distinguir-se; a cubiça animou a industria para procurarem-se algumas superfluidades, inventaraõ-se novas, e correu-se toda a terra só a fim de se descobrirem. A extrema desigualdade, que se achava entre os homens, passou até ás suas necessidades.

As

DO COMMERCIO. 9

As trocas de natureza se viraõ entaõ realmente impossiveis: determinava-se o dar-se ás mercadorias hum legal commun. O ouro, a prata, e o cobre se escolheraõ para as representarem. Viraõ-se entaõ tres qualidades de riquezas: as naturaes, as artificiaes, e as producçoens da agricultura, e da industria; e finalmente as riquezas de convençaõ, ou de metaes. Esta mudança em nada altera a natureza do Commercio, que sempre ficou consistindo na troca de hum genero, ou seja por outro, ou por metaes; porque estes na realidade não tem valor algum, senaõ porque elles são recebidos em troca dos generos: esta mudança se póde considerar como huma segunda época do Commercio.

A Asia, que tinha sido o berço do genero humano, pois se vio povoada antes que as outras partes do mundo fossem conhecidas, foi tambem o primeiro theatro do Commercio, dos grandes Imperios, e de hum luxo muito maior que o actual.

As varias conquistas dos Assyrios

na;



10 ELEMENTOS

naquelles ricos continentes, o luxo dos seus Reis, e as maravilhas de Babylonia nos estão garantido na historia a perfeição das suas artes, e por consequencia a grandeza do seu Commercio. Porém parece que todo elle se limitava no interior daquelles Estados, e nas suas producções.

Os Fenicios, habitantes de hum pequeno continente de Syria, forão os primeiros que se atreveraõ a vencer a barreira que os mares lhe punhaõ á sua cubiça, e a appropriarem-se os generos de todos os povos, a fim de adquirirem o que fazia a medida.

As riquezas do Oriente, da Africa, e da Europa, se juntaraõ em Tyro, e em Sidon, cujos navios espalhavaõ em cada continente do mundo o superfluo dos outros. Este Commercio, de que os Fenicios não eraõ em certo modo mais, que commiffarios, pois elles forneciaõ muito poucas producções do seu cruo, deve ser distincto do das nações que traficãõ dos seus proprios generos. Desta fórma foi chamado o Commercio de

DO COMMERCIO. 11

de *Elamitas*, que era o de quazi todas as nações antigas que navegavaõ.

Os Fenicios pelos portos de Elath, e de Esiungeber no mar Vermelho, se facilitaraõ o Commercio das costas Orientaes da Africa, abundantes em gado, e o da Arabia taõ famoso pelas suas perfumes; a sua Colonia de Tyro afluia ilha do Golfo Persico, e a industria que elles tinhaõ extendido o seu trafico sobre estas costas.

Pela navegação do Mediterraneo estabeleceraõ Colonias em todas as suas ilhas na Grecia, ao longo das costas da Africa, e na Hespanha.

O descobrimento deste ultimo paiz foi a principal origem das suas riquezas, alem dos algodoads, lãas fructas, ferro, e chumbo que tiravaõ; as minas do ouro, e prata da Andalusia os confirmavaõ senhores do preço, e da preferencia dos generos de todos os paizes.

Penetraraõ até ao Oceano ao longo das costas, e forão buscar o estanho nas ilhas Cassiterides hoje conhecidas pelo nome da *Grã Bretanha*.